

## A PESQUISA LINGUÍSTICA COM DADOS DE FALA

Flávia Freitas de Oliveira (UFG)  
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão  
Gisele da Paz Nunes (UFG)  
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

### INTRODUÇÃO

Labov colaborou com os estudos linguísticos ao ser precursor nas pesquisas linguísticas que consideram a língua em uso dentro da comunidade de fala. Para tanto, o pesquisador, a partir de uma nova teoria linguística, criou um novo método de pesquisa capaz de dar conta de dados da oralidade. A primeira problemática é que muitos linguistas consideravam os estudos dos dados de fala separadamente dos estudos linguísticos. O que seria, então, o objeto da linguística? Na verdade, foi essa subdivisão que resultou no surgimento da teoria sociolinguista fazendo com que a linguística se beneficiasse “com a restrição de seu campo de visão” (LABOV, 2008, p.298), já que há um novo olhar para a língua a fim de valorizar o comportamento social dos falantes de uma dada comunidade de fala e considerar os diversos fatores para a ocorrência da variação linguística e mudança linguística desenvolvendo, com isso, ainda mais a pesquisa linguística.

Labov pondera que a teoria linguística não poderia ignorar o comportamento social dos falantes, bem como a teoria química não poderia ignorar as possibilidades observadas nos seus elementos e, por esse motivo, a teoria sociolinguística não busca uma nova teoria para dar conta da língua(gem), pelo contrário, tal teoria propõe um novo modo de fazer a linguística baseado na observação, abordagens, tratamento e análise dos dados de fala considerando os fatores linguísticos levando-se em consideração, também, os fatores extralinguísticos ou sociais.

A segunda questão posta aqui advém dessa nova abordagem e tratamento dos dados: como trabalhar com a fala? Labov responde a essa questão voltando-se para o resultado da análise dos dados. Afinal, os dados não se enganam. Os resultados não são a mera construção do pesquisador. Pelo contrário, os resultados da análise dos dados de fala são a representação “dos elementos linguísticos que estão profundamente encaixados nos dados” (LABOV, 2008, p.299).

Desse modo, o objetivo deste trabalho é apresentar a metodologia de pesquisa sociolinguística quantitativa aplicada na pesquisa com dados de fala da comunidade linguística de Catalão – Goiás, com a finalidade de auxiliar na construção do banco de dados do projeto VALIGO – Variação Linguística em Goiás – partindo do modelo teórico-metodológico proposto por William Labov (2008) que mesmo não sendo pioneiro, insistiu na relação entre língua e sociedade e na possibilidade de sistematizar a variação existente na própria língua, revolucionando a linguística com um modelo que opera com números e tratamento estatístico dos dados coletados.

#### 1. A Linguística

Quando pensamos em Linguística, pensamos em língua ou, de modo geral, em linguagem, visto que a Linguística é uma área que estuda cientificamente a linguagem. No entanto, embora correta, essa abordagem de linguística acaba sendo um tanto vaga,

já que língua e linguagem são termos que apresentam mais de um sentido. Para Dubois (1973, p.387) “a linguagem é a capacidade específica à espécie humana de comunicar por meio de um sistema de signos”. Esse sistema de signos, quando vocal e utilizado por um grupo social, constitui uma língua em particular. A definição de língua, por sua vez, pode ser bem entendida como dada por Saussure em resposta a pergunta: “o que é a língua?”

É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita (...) ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, e ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (SAUSSURE, 2006, p.17)

Ao caracterizar a língua como um produto social e dizer que toda linguagem é multiforme, além de permitir o exercício da faculdade de comunicação entre os indivíduos, Saussure abre precedentes para se pensar numa língua que pode sofrer variação, já que a sociedade está em constante mudança, ou seja, o estudo da linguística não estuda meramente “linguagem”, mas as implicações dessa que se encontra inserida em uma comunidade de fala. Nesse momento, tais implicações são sociais.

É verdade, que conhecemos Saussure como o estudioso que inovou as idéias da disciplina linguística. Para o autor, a Linguística é constituída, inicialmente, por todas as manifestações da linguagem humana, considerando todas as formas de expressão. Saussure ainda diz que definir um objeto para a Linguística é uma questão difícil, já que a Linguística não apresentaria um objeto dado previamente ou um objeto que poderíamos considerar de vários pontos de vista. Pelo contrário, Saussure (2006, p.15-17) lembra que é o ponto de vista que cria o nosso objeto – e nesse ponto de vista entra os sociolinguistas, analistas do discurso, psicolinguistas, historiografistas da língua, dentre outros estudiosos que desejam “explicar”, ou melhor, explorar a linguagem. Assim, o próprio autor oferece uma solução para estudar tal objeto que não é, de certo modo, concreto. Seria colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem podendo “capturá-la”, “dissecá-la”, “abri-la” com a finalidade de estudá-la e verificar sua sistematicidade devidamente regida por regras.

Conhecemos Saussure (2006) também pela dicotomia que o estudioso coloca sobre língua e fala, mas, para o autor, é a língua a parte suscetível a definições, pois não se confunde com a linguagem sendo, na verdade, parte essencial da linguagem (SAUSSURE, 2006, p.17). Podemos localizá-la na porção determinada de um circuito em que uma imagem auditiva vem associada a um conceito. A língua é exterior ao indivíduo, ou seja, não poderíamos nem criá-la nem modificá-la individualmente, já que ela não existe senão por um acordo dos membros de uma dada comunidade. Desse modo, qualquer indivíduo tem necessidade de aprender a língua para conhecer-lhe o funcionamento.

Se a língua é um produto social e que deve ser apreendida pelo falante, a fala, para Saussure, seria apenas um ato individual de vontade e inteligência, ou ainda, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento. Contudo, os estudos linguísticos não seriam desenvolvidos levando em

consideração a língua falada e sim a língua escrita, porque a linguagem escaparia, a maioria das vezes, à observação. Sendo assim, o linguista deveria ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe fariam conhecer os idiomas passados ou distantes. (SAUSSURE, 2006, p.13) Daí dizer que a tarefa da linguística era, *a priori*, fazer a descrição e história de todas as línguas que pudesse abranger, reconstruir as línguas-mães de cada família, procurar as forças que estão em jogo de modo permanente e universal e deduzir leis gerais as quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história. Diversos modelos teóricos surgiram para cumprir com essa tarefa da linguística. As teorias não são meramente descartadas com o desenvolvimento de outra teoria, pelo contrário, os modelos se complementam e possuem diferentes objetivos para cumprir com a tarefa de modo geral.

Diante de tudo isso que se esperava dos estudos linguísticos, Labov (2008) ressaltou que muitos pesquisadores linguistas não consideravam a fala e a sociedade como um objeto da linguística. A linguística teria a “obrigação apenas de descrever as estruturas internas às línguas”. Enquanto muitas teorias linguísticas não consideravam a língua falada relacionando-a aos fatores externos à língua, uma nova proposta de “sociologia da linguagem” emerge como resultado da preocupação com a linguagem nas diversas disciplinas da área de humanas levando alguns linguistas a perceber que é na fala dos vários indivíduos que a língua poderia variar motivada por aspectos tanto linguísticos quanto sociais ou extralinguísticos. Assim, a língua não é só um produto da sociedade, ela é modificada pela e para a sociedade. Nasce, a partir disso, uma pesquisa linguística centrada na língua em uso dentro da comunidade de fala com uma teoria que busca dar conta dos novos dados a serem coletados.

## **2. A pesquisa linguística**

A pesquisa linguística não se limita apenas à língua escrita. Muito se desenvolveu a partir dos estudos saussurianos e dos diversos modelos empregados. Dito isso, lembramos que o modelo estruturalista, por exemplo, apresenta concepções e métodos que sugerem que a língua é uma estrutura - sistema - e a tarefa do linguista seria “analisar a organização e o funcionamento dos seus elementos constituintes” (COSTA, 2009, p.113). Costa ainda destaca que o estruturalismo compreende o funcionamento da língua a partir de regras que agem internamente, ou seja, leis estabelecidas pelo próprio sistema. Não cabem aqui interferências externas e preocupação com variações linguísticas, já que “a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma (...) o que significa dizer que toda preocupação extralinguística precisa ser abandonada, uma vez que a estrutura da língua deve ser descrita apenas a partir de suas relações internas” (COSTA, 2009, 115).

Esse pensamento de Costa bem exemplifica os estudos realizados antes de Labov, quando se fazia pesquisa linguística sem considerar as relações entre língua e sociedade, tampouco língua e cultura ou língua e espaço geográfico. O que tínhamos eram pesquisas linguísticas preocupadas com a organização interna dos elementos que constituíam o sistema linguístico.

Com o advento de novas teorias linguísticas, surgiram novas formas de fazer pesquisa linguística. Logo, surgiu Chomsky, numa teoria gerativista, reforçando o estudo da língua abstrata, fortalecendo a dicotomia saussuriana ao opor competência (o conhecimento abstrato das regras da língua) e desempenho (a seleção e execução destas regras). Na verdade, Chomsky definiu a gramática “como o sistema de regras que

especifica a correspondência entre som e significado” e ainda “colocou a noção de regra linguística como indispensável para a caracterização de qualquer língua”. (MATZENAUER, 2005, p.14) Para esse estudioso, o real objeto de estudo da linguística é uma comunidade de fala abstrata, homogênea, em que todo mundo fala igual e aprende a língua instantaneamente. Esse estudioso tem que a linguística é propriamente o estudo da competência (o sistema interno, a língua) e o pesquisador insiste na idéia de que o dado da linguística não é enunciado do indivíduo e sim das intuições desse acerca da língua, pois seria herança genética uma gramática universal em que as similaridades da língua estão organizadas na mente do indivíduo. Assim, “o indivíduo adquire a língua do ambiente em que vive – seja português, inglês, ou qualquer outra – com base nessa essência comum”. (MATZENAUER, 2005, p.15)

Até aqui, de maneira geral, percebemos que as teorias linguísticas são desenvolvidas com base num comportamento linguístico uniforme e homogêneo excluindo, de certo modo, o estudo do comportamento social ou o estudo da fala.

Diferente das teorias propostas até aqui ressaltamos que “todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas”. (MOLLICA, 2010, p. 7). Labov (2008, p. 214) destaca que a língua é uma forma de comportamento social ao mencionar que “crianças mantidas em isolamento não usam a língua; ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, idéias e emoções uns aos outros”. Em consonância com tal afirmação, Calvet (2002, p.12) diz que as “línguas não existem sem as pessoas que as falam e a história de uma língua é a história de seus falantes”. Ora, se para conhecer a história dos falantes nós necessitamos da língua, e a história do falante reflete sua cultura e a cultura da comunidade, não se deve fazer um estudo linguístico sem pensar a interseção entre língua, sociedade e cultura.

Após as abordagens sociais da linguagem elaboradas por Calvet (2002), chegamos à teoria Sociolinguística Variacionista, vertente analítico-descritiva que defende o estudo da língua integrando aspectos sociais e linguísticos que surgiu a partir da pesquisa na comunidade de *Martha's Vineyard* onde Labov (2008, p. 19-62) percebeu que os falantes utilizavam a forma não padrão como uma demarcação linguística para reagir à invasão de visitantes que passavam as férias de verão na ilha. Com esse estudo, Labov admite que é importante conhecer a região e a história do lugar a ser estudado, já que pelo seu estudo ele observou “um caso nítido de hipercorreção atuando” cujo processo é percebido quando se trata dos jovens provenientes de antigas famílias que não pretendem permanecer na ilha, buscando, então, outra pronúncia. Isto foi observado por meio de entrevistas que dividiu os jovens em dois grupos: “os que planejam deixar a ilha e os que planejam ficar”. “Estes últimos exibem forte centralização, enquanto os primeiros exibem pouca ou nenhuma” (LABOV, 2008, p. 52). Esse estudo de Labov permite encontrarmos tanto nos aspectos linguísticos (fonéticos e fonológicos) como nos aspectos extralinguísticos (sexo, faixa etária, escolaridade e outros) hipóteses para estudar e analisar o que motiva a variação linguística.

Mollica afirma que a sociolinguística é uma subárea da Linguística, que estuda a língua no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que relaciona aspectos linguísticos e sociais. Logo, a Sociolinguística é a ciência que estuda a língua da perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade onde se origina. Ainda segundo a autora, consideramos que a Sociolinguística busca

investigar o grau de estabilidade e mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos. (MOLLICA, 2007, p.11)

Finalmente, entendemos que a variação da língua é o objeto de estudo, em especial, da Sociolinguística. Desse modo, a língua é heterogênea dispondo de duas ou mais variantes que, ao serem usadas, não alteram o valor de verdade da mensagem transmitida.

O pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada por um conjunto de regras. Em outras palavras, tal como existem condições ou regras categóricas que obrigam o falante a usar categoricamente certas formas (a casa) e não outras (casa a), também existem condições ou regras variáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas variáveis em cada contexto.

A heterogeneidade pode ser observada nos diversos níveis da linguagem, por exemplo, um mesmo vocábulo: “moleque”. Tal palavra possui diversas pronúncias conforme a localização geográfica do falante. Quando o falante é do norte do Brasil pode pronunciar ‘m/ɔ/leque’, já numa região mais ao sul poderia ser pronunciado como m/u/leque como verificado em estudos realizados sobre a variação das vogais do português brasileiro. Ou ainda, se tomarmos o Brasil como um todo, de imediato, vêm-nos à mente exemplos comuns e corriqueiros da variação de algumas lexias como mandioca x macaxeira x aipim, jerimum x abóbora, goma x polvilho, dentre outras. A sociolinguística considera a heterogeneidade linguística concebendo a variação e a mudança como características essenciais da língua. Assim, um objetivo primitivo é “entender quais são os *principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável*” (CEZÁRIO e VOTRE, 2009, p.141, grifo nosso).

Assim, o objetivo de uma pesquisa sociolinguística é coletar dados, descrevê-los, analisá-los dando um tratamento estatístico a eles confirmando, ou não, a hipótese de variabilidade, quantificando sua ocorrência e os fatores linguísticos e extralinguísticos que motivam tal variação.

Após destacar os principais fatores e a importância desses na motivação da variação, o sociolinguista faz uma análise quantitativa dos dados esperando verificar a estabilidade do fenômeno estudado, ou seja, se é variável, se essa variação é frequente na fala da comunidade pesquisada, se é uma variação que está no seu início, ou se é uma variação que configura uma mudança em progresso, ou ainda, se está em fase de conluente para se tornar uma mudança linguística na comunidade. Por fim, a sociolinguística vem “consolidando as bases teóricas e metodológicas do estudo da língua em situação real de comunicação e demonstrando a existência da natureza socioestrutural da linguagem” (CEZÁRIO e VOTRE, 2009, p.147).

### **3. O Método de pesquisa sociolinguístico**

A pesquisa sociolinguística tem início com a definição da variável a ser estudada. Labov diz que tal variável deve ser

[...]frequente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não-estruturado e de entrevistas curtas (LABOV, 2008, p.26).

Desse modo, a variável é encontrada na análise da língua falada de modo vernacular, ou seja, numa fala espontânea quando o mínimo de atenção, por parte do falante, é prestado à língua. Antes disso, é importante entender a definição de variável. A essas formas de variação damos o nome de “variantes linguísticas” que são as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes chamamos variável, como por exemplo, a variável [e] e a variável [o], ambas vogais, podem apresentar as formas variantes [e] e [o], ou seja, a manutenção da altura das vogais médias; [i] e [u] - o alçamento da altura da vogal e [ɛ] e [ɔ] – o abaixamento da altura da vogal, respectivamente. A variável dependente é influenciada por grupos de fatores denominados variáveis independentes, tais variáveis exercem pressão sobre a escolha e uso de determinada variante pela comunidade e, até mesmo, aumentam ou diminuem a ocorrência da variante. Assim, as variáveis internas à língua podem ser, por exemplo, o conjunto dos fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, semânticos discursivos e lexicais, enquanto os conjuntos de variáveis externas referem-se a fatores próprios do indivíduo (etnia e sexo) sociais (escolarização, nível de renda, profissão, classe social) e contextuais (grau de formalidade e tensão discursiva).

Após a determinação da variável a ser estudada, é necessário coletar os dados de fala por meio de entrevistas, de forma que o entrevistado sinta-se a vontade fazendo uso de uma linguagem não monitorada. Não sendo possível a análise da fala de todos os moradores, por exemplo, como no projeto VALIGO<sup>1</sup> em Catalão Goiás, os projetos criam “células” para comporem um corpus com um número definido de entrevistados, denominados *informantes*, estratificando a população de acordo com o perfil linguístico delimitado por: sexo, escolaridade e faixa etária, seguindo, portanto, o método aleatório estratificado, em que cada célula deve ser preenchida por indivíduos naturais da cidade, que não se ausentaram por mais de dois anos consecutivos ou que tenham chegado a ela com até cinco anos de idade. Esses informantes previamente selecionados são os representantes de todos os falantes daquela comunidade de fala. O pesquisador precisa de artifícios para não prejudicar a situação vernacular, assim é importante coletar dados de dados de narrativas de experiência pessoal e outras atividades que podem ser exploradas pelo pesquisador. Tarallo (2007, p. 21) destaca ainda que os estudos de narrativas de experiência pessoal demonstram que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o que relata que presta o mínimo de atenção ao como relata e isso torna interessante e válida a coleta de dados linguísticos, sendo essa a situação natural de comunicação que o pesquisador necessitará para análise e também para a descrição linguística.

Logo, depois de ter definido o objeto de estudo, ou seja, a variável dependente e o levantamento de hipóteses sobre os aspectos que condicionam a variação – definem-

---

<sup>1</sup> VALIGO - projeto sobre a Variação Linguística em Goiás, desenvolvido na UFG/Campus Catalão e coordenado pela professora Dra. Gisele da Paz Nunes.

se as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas – e, feitas as entrevistas, o pesquisador deve transcrever os dados a fim de selecionar os dados com variação, analisar esses dados estatisticamente por um programa computacional, nesse caso, o programa GOLDVARB, para obter a frequência da variação destacando quais fatores favoreceram mais a variação e quais fatores que menos favoreceram.

Observemos a pesquisa de Labov sobre a consoante /r/ em diferentes posições como a pós-vocálica final e pós-vocálica não-final. Labov (2008) descobriu, após fazer entrevistas em três lojas com o público de diferentes classes sociais, que na loja da classe alta e média ocorria a preservação da vibrante, enquanto na loja de classe social baixa a frequência da vibrante era menor. Dessa forma, revelou-se que a pronúncia do /r/ pós-vocálico é considerada de prestígio, sabendo que “forth” e “floor” foram palavras pronunciadas na pesquisa. O autor, também verificou que o /r/ vibrante estava sendo recuperado na cidade após a segunda guerra mundial.

De igual modo, Trudgill (1974 *apud* CEZÁRIO e VOTRE, 2009, p.148) verificou o não-uso da desinência /-s/ da terceira pessoa do presente simples no inglês como em *he plays, she travels, it sleeps*. O pesquisador compara dados das cidades Norwich – Inglaterra e Detroit – EUA. Os resultados mostraram que em ambas as cidades a classe média elimina o /-s/ em menos de 10% dos dados coletados, ou seja, fazem a conjugação verbal seguindo a regra de 3º pessoa do singular utilizando a desinência /-s/. Já a classe de operários, reconhecida como uma classe social de nível baixo, elimina o /-s/ em mais de 70% dos dados. Essa pesquisa contribui para pensarmos a variável extralinguística de classe social. Não podemos colocar como regra que todos os falantes da classe trabalhadora não falará o /-s/, mas podemos perceber qual a fala de prestígio e a estigmatizada, assim sendo, as classes médias e altas buscam privilegiar a forma padrão da língua rejeitando outras variantes, não eliminando o /-s/.

Tais pesquisas revelam que a sociolinguística pode sim medir o número de ocorrências de usos de uma variante, mas “cabe ao sociolinguista descobrir os contextos que favorecem a variação (...) a partir da frequência de uso das variantes, cabe a ele estimar as tendências associadas a cada frequência e verificar se trata de variação instável ou estável” (CEZÁRIO e VOTRE, 2009, p.143). O linguista, por meio de análise, indicará se as variáveis linguísticas são relevantes para a descrição e interpretação do fenômeno que está pesquisando.

## CONCLUSÃO

Diferente de outras ciências, a linguística, bem como a sociolinguística, parte do objeto de estudo para depois construir o modelo teórico. Dito isso, afirmamos ser a língua o objeto de estudo da linguística. Enquanto isso, o objeto de estudo da sociolinguística centra-se na língua vernacular, ou seja, na língua falada em situações naturais em que o falante não se preocupe em monitorar a fala preocupando com o que ele falará e não no modo como falará. Assim, a pesquisa se dá com o falante-ouvinte real, pois é da situação linguística desse que o pesquisador buscará descrever e explicar o fenômeno da linguagem.

O caráter heterogêneo da língua falada é simplesmente uma questão de aparência, pois a heterogeneidade abriga um sistema estruturado. Assim, o heterogêneo não exclui a ideia de sistema.

Afinal, percebemos a relação língua e sociedade estudando os fatores condicionadores e motivadores da variação. A língua pode trilhar dois caminhos: a estabilidade das variantes coexistindo no mesmo sistema; ou a mudança em progresso onde uma das variantes começa a tomar a primazia na fala vencendo a adversária. Será a análise e a quantificação dos dados que permitirá visualizar os caminhos que a variação percorre: ora estável, ora está sendo tão usada que está inserida num processo de mudança linguística.

Quanto à pesquisa linguística com dados de fala – a sociolinguística - Labov acredita ser esse vocábulo redundante, já que sócio – denominaria social, sociedade, e linguística – se referiria a estudo da estrutura da língua, mas “a língua (...) é usada por seres humanos no contexto social, comunicando suas necessidades, idéias e emoções uns aos outros” (LABOV, 2008, p.215). Entretanto, percebemos que não é difícil pensar o objeto língua sem pensar no humano. A língua é um objeto de estudo encontrado unicamente na espécie humana e por meio da interação entre os indivíduos é que encontramos o objeto de modo concreto a ser estudado. Assim, segundo esse autor, não é coerente separar as teorias em linguísticas e sociolinguísticas.

Durante as pesquisas sociolinguísticas deparamo-nos com estudiosos que apresentam concepções de língua e objetivos de pesquisa diversos e, mesmo assim, trazem resultados importantes para o estudo do Português Brasileiro.

## REFERÊNCIAS

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE Sebastião. Sociolinguística. In: *Manual de lingüística*. Mário Eduardo Martelotta (org.). São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo. In: *Manual de lingüística*. Mário Eduardo Martelotta (org.). São Paulo: Contexto, 2009.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

GONÇALVES, S.C.L. Banco de dados iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. Disponível em: <<<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>. Acesso em 23/10/11.

HORA, Demerval da (org.). *Vogais no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Idea, 2009.

LABOV, Willian. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINET, André. *A lingüística sincrônica*. Tradução de Lílian Arantes. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Brasileiro/23, 1971, p. 11-86.

MATZENAUER, Carmen Lúcia. Introdução à teoria fonológica. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. Leda Bisol (org). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.



MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, SILVA, Thaís Cristóforo. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

VIEGAS, Maria do Carmo. *O alçamento de vogais médias pretônicas e as conseqüências de diferentes recortes na amostragem*. Letras de hoje, Porto Alegre, v. 38, n. 134, p. 307-318, dez. 2003.